REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
JULHO A SETEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 59
PROCESSOS E REGISTROS EM ARTE:
AÇÕES DO COTIDIANO EM REFLEXÃO

# OS PROFESSORES VÃO AO CINEMA: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS DOCENTES A PARTIR DO FILME *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* (2001)

## TEACHERS GO TO THE CINEMA: AN ANALYSIS OF TEACHING DISCOURSES BASED ON THE FILM *HARRY POTTER AND THE PHILOSOPHER'S STONE* (2001)

*Carolina Viana da Silva*
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS/Brasil*

**Resumo:** Este artigo revisa algumas (in)conclusões obtidas de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi analisar a identidade docente em narrativas audiovisuais a partir do filme Harry Potter e a Pedra Filosofal (2001). Com aporte dos estudos da Cultura Visual (Hernández, 2011, 2010, 2007, 2005;), da Cultura Midiática (Pillar, 2013) e das identidades docentes (Ferreira, 2002; Garcia, Hypólito, Vieira, 2005) este trabalho analisa o discurso de docentes da educação básica em um contexto de um grupo focal. Como método de análise, este estudo se vale da A/r/tografia (DIAS, 2013), uma abordagem que prevê a pesquisa como ação, como prática viva do ser professor, do ser pesquisador e do ser artista. Através de um convívio que é provocado por uma experiência comum, surgiram manifestações singulares que são revisitadas na trama deste trabalho.

**Palavras-chave:** Narrativas audiovisuais. Identidade docente. Cultura visual.

Abstract: This article reviews some (in)conclusions obtained from a master's research project aimed at analyzing teacher identity in audiovisual narratives based on the film Harry Potter and the Philosopher's Stone (2001). Drawing on Visual Culture studies (Hernández, 2011, 2010, 2007, 2005), Media Culture (Pillar, 2013), and teacher identities (Ferreira, 2002; Garcia, Hypólito, Vieira, 2005), this work examines the discourse of elementary education teachers within a focus group context where discussions on the teachings of this work took place. As an analytical method, this study employs A/r/tography (DIAS, 2013), an approach that conceptualizes research as action, a living practice encompassing the roles of being a teacher, a researcher, and an artist. Through interactions prompted by a shared experience, unique expressions have emerged and are revisited in the narrative of this work.

**Keywords:** Audiovisual narratives. Teacher identify. Visual culture.





## Introdução

Este texto busca revisar uma parte de minha dissertação de mestrado cujo título é *As representações da docência no filme Harry Potter e a Pedra Filosofal: uma análise A/r/tográfica em quadrinhos* (2023). Revisito a seção em que apresento os discursos de professores, de distintos contextos, compartilhados durante os encontros focais mobilizados na pesquisa. Este artigo se insere nos campos de estudos da Cultura Visual (Hernández, 2011, 2010, 2007, 2005), da Cultura Midiática (Pillar, 2013) e das identidades docentes (Ferreira, 2002; Garcia, Hypólito, Vieira, 2005). As identificações de professores com personagens docentes do filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001), e a manifestação deste processo na atuação destes profissionais, foram os disparadores para as reflexões sobre como a identidade docente também é forjada a partir das produções cinematográficas que permeiam a nossa cultura.

Para analisar o material gerado nos grupos focais, considero o cinema enquanto uma mídia internalizada em nossas relações de subjetivação, e que portanto deve ser uma linguagem a ser considerada quando se pensa na constituição identitárias de profissionais docentes. Utilizá-la para que se (re)pense essa subjetivação, a partir de uma perspectiva crítica destas produções audiovisuais, é um caminho necessário para uma maior consciência dos discursos e dos interesses construídos pela indústria cultural acerca destes profissionais, criando, assim, os espaços para uma formação docente mais crítica e consciente de suas constituições e dos discursos que permeiam a profissão.

Pesquisas anteriores (SILVA e PARAÍSO, 2012; WORTMANN, 2010) analisam, tendo como base os Estudos Culturais, as representações de escola e de currículo na obra literária de J.K. Rowling. No entanto, em relação à representação da docência, especificamente, não há aprofundamentos nas pesquisas





mencionadas. Justifica-se, portanto, a necessidade de abordar esse aspecto em particular.

Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho está organizado em três seções, além da presente introdução. Na primeira seção, discorro sobre identidade docente e sua relação com as mídias audiovisuais. Em seguida, dedico um tópico para situar a obra fílmica em questão e os seus personagens professores. Por fim, analiso os discursos proferidos pelos docentes participantes da pesquisa, e o quanto eles manifestam ou não as correlações entre a subjetivação desses sujeitos docentes e a construção dos personagens professores na referida obra fílmica.

## 2. Os professores foram ao cinema (ou ao contrário?)

Em minha pesquisa de mestrado, busquei compreender, entre outros processos, aqueles que tratam das relações entre o sujeito-professor e o modo como se fixam socialmente as representações sobre si mesmos a partir das imagens que os circundam. Com o foco em produções audiovisuais, busquei entender alguns processos que envolvem a constituição dos personagens professores neste tipo de produção. Acerca da construção de identidades profissionais docentes, os autores Garcia, Hypolito e Vieira (2005) em *As identidades docentes como fabricação da docência* discutem o tema em relação “às posições de sujeito que são atribuídas aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos”, e em relação “ao conjunto das representações postas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções” (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p. 48). Os elementos que constroem esta identidade docente são atravessados por diversos fatores que interagem entre si. Esses se relacionam, por exemplo, ao contexto histórico, social, político e midiático em que estes indivíduos estão inseridos. Sobre essa questão os autores ainda ressaltam que:





> Tratar da identidade docente é estar atento para a política de representação que instituem os discursos veiculados por grupos e indivíduos que disputam o espaço acadêmico ou que estão na gestão do Estado. É considerar também os efeitos práticos e as políticas de verdade que discursos veiculados pela mídia impressa, televisiva e cinematográfica estão ajudando a configurar. (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p.47).

Ao se considerar, portanto, os atravessamentos discursivos que as mídias digitais, televisivas e cinematográficas possuem, me interesso em compreender as narrativas fílmicas que possuem a docência como personagem, de modo a refletir sobre como são conduzidos os discursos dentro dessas produções.

Filmes sobre escola são bastante recorrentes na indústria cinematográfica e são objetos de estudo de alguns pesquisadores da Arte e da Educação, como Edelman (1983), Joseph e Burnaford (1994), Ayers (1994), Dalton (1996) e Valle (2012). Em relação às produções fílmicas que tem como personagem principal o professor é possível citar as obras *Ao mestre com carinho* (1967), *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), *Mentes Perigosas* (1995), *O Sorriso de Monalisa* (2003) e *Escritores da Liberdade* (2007). Esses longa-metragens são exemplos de produções estadunidenses que ainda pulverizam um discurso sobre a docência extremamente arraigados nas noções de professores heróis. Essas produções, segundo Valle (2012, p. 242 ):

> mobilizam desejos e identificações, e promovem um sentido de ser docente que está muito conectado à noção de cuidado e de salvação. Em geral essas narrativas se aproximam em seu conteúdo da mesma maneira que constroem olhares de como deve ser e como devem atuar os docentes.

Embora outros modos de ser professor sejam representados em produções midiáticas diversas, Hollywood é a indústria que possui grande reflexo no cotidiano social, circula em maior escala e consequentemente influencia mais significativamente a apropriação de uma representação do que é ser um profissional da docência. Sendo assim, este movimento interfere em nossa perspectiva sobre





identidade docente, pois somos consumidores destas peças audiovisuais desde muito cedo, e nos constituímos enquanto coletividade atravessados por essas imagens.

Nesse cenário, é importante que filmes centrados na docência sigam sendo objetos de estudos dentro dos espaços de formação docente pelo seu volume de produção e circulação. Isso possibilita o deslocamento destas produções cinematográficas do espaço de entretenimento para um lugar de análise, contribuindo para a reconstrução dessas representações visuais quanto aos efeitos sociais que ensejam nas construções de identidades e nas relações de poder (PILLAR, 2005). Na mesma esteira, Ferreira afirma que (2002, p. 20):

> [...] cabe a nós [professores], desvelar em cada filme o papel desse personagem, perdido entre nossa memória e nossa imaginação, situado entre o herói e o subalterno, e representado por meio de uma linguagem própria e pelo ponto de vista particular de um autor e de uma equipe, em um dado momento histórico.

Espaços e pesquisas que coloquem peças audiovisuais sobre a docência em pauta podem contribuir, portanto, para um deslocamento do olhar e, por que não, de uma formação de zonas de resistência e embate com estas imagens. Sobre essa perspectiva, Valle (2012, p. 141) sugere:

> Retomar os processos de construção de conhecimento e formação docente desde a perspectiva dos estudos da cultura visual (sob o enfoque construtivista) a partir das discrepâncias, ambiguidades, complexidades, contradições e paradoxos, possibilitam conceber o universo cotidiano de maneira mais ampla em relação com os elementos próprios da subjetividade sociocultural inserida em múltiplas situações.

Concordo com o professor Valle (2012) e reforço a necessidade de inserções cada vez mais presentes nesses espaços, onde se discuta acerca da formação da





identidade docente, coletiva ou individual, a partir de artefatos midiáticos como o cinema.

### 3. A escola de magia e bruxaria de Hogwarts e seu professores

Existem obras que conseguem circular e se manter em diferentes espaços e gerações. A série de livros da britânica J.K. Rowling, é a mais vendida da história: considerando todos os livros, são 490 milhões de cópias vendidas no mundo[1].

A história começa quando o personagem Harry Potter, que é órfão e mora com seus tios, completa onze anos. No dia de seu aniversário, é revelado algo que seus tios haviam lhe escondido: ele é um bruxo. Harry também descobre que seus pais foram mortos por Lord Voldemort, um bruxo das trevas que tentou também matá-lo quando Harry era um bebê. A partir desse mote, os livros da série contam cada um dos anos desse personagem na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, para onde ele foi enviado com o propósito de aprender o necessário para viver na sociedade bruxa.

Como já mencionado na introdução, os trabalhos que abordam a docência na saga do livro/filme o fazem de maneira indireta. O texto de Silva e Paraíso (2012) trata o espaço escolar e o currículo na obra literária de Rowling. Wortmann (2010), a partir de uma abordagem dos Estudos Culturais e das pedagogias culturais, se debruça também sobre ambos os temas. No que diz respeito à representação específica da docência em Harry Potter, são encontrados apenas textos que mencionam indiretamente este tema, ou produções não-acadêmicas, como artigos jornalísticos e textos escritos por fãs da série em blogs na internet. Penso, portanto, que considerar e analisar a construção destes personagens professores em obras audiovisuais, e especificamente os professores dessa saga, que são fundamentais

[1]Cf. <.https://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL102716-7084,00.html . Acesso em: 10 mar. 2023.





na construção da narrativa desta história, pode se constituir como uma oportunidade de significação de processos e sentidos da(s) docência(s)[2], não só na compreensão coletiva, mas também subjetiva destes indivíduos.

Alguns dos professores-personagens do filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2001) são os primeiros personagens apresentados aos espectadores. Na cena inicial, o diretor da escola, o mago Alvo Dumbledore e a professora bruxa Minerva McGonagall aparecem dialogando, em uma rua de moradias típicas londrinas, sobre a escolha de designar o bebê Harry aos cuidados de sua família trouxa (não-bruxa), e as consequências dessa escolha. A escolha da narrativa de abrir uma saga colocando em evidência a responsabilidade da vida e da sobrevivência de um bebê recém-nascido sob a tutela de dois professores, já pode ser considerada de um simbolismo bastante significativo quando pensamos no papel que se pretende construir sobre o lugar da docência, pelo menos dentro desta obra. Sobre isso, Valle (2012, p. 242 ) comenta que estas narrativas, de forma geral "(...) constroem olhares de como deve ser e como devem atuar os docentes."

Ao longo do filme, por conseguinte, outros professores vão tendo o seu espaço construído dentro da trama, e a sua importância dentro da história vai se consolidando, sempre partindo de um pressuposto no qual esses personagens, que são antes de tudo professora, são agentes diretamente envolvidos nos acontecimentos daquela narrativa.

Na primeira cena de aula (a partir do minuto 50:38), acompanhamos Harry e seu amigo Rony chegando atrasados na aula de Transfiguração, ministrada pela professora Minerva McGonagall. A professora, ao presenciar o atraso dos seus estudantes, os repreende seriamente. Ali já compreende-se que o espaço da sala de

[2]Uso aqui o plural pois não acredito que exista somente um modo de ser professor, pois esse é atravessado por aspectos subjetivos, sociais e contextuais, que o irão constituir durante toda a sua prática docente.





aula e da aprendizagem passam por valores como a disciplina, a autoridade do professor, a verticalidade das relações e a rigidez daquele espaço e sistema.

Logo depois da cena da aula de Transfiguração, acompanhamos a cena de sala de aula de Poções, regida pelo professor Severus Snape. Conforme o próprio nome deste personagem, conhecemos um professor que possui em todos os seus comportamentos a indicação da severidade: é nessa cena que ocorre a humilhação à Harry, na qual o professor questiona o jovem estudante sobre as fórmulas de poções e as ervas envolvidas nesses processos. Harry claramente não possuía esse conhecimento, pelo fato de aquele ser o seu primeiro dia de aula. Considero essa cena de sala de aula bastante emblemática em relação à construção da figura do professor e do que é uma aula no universo *potter*: a disciplina, a rigidez, a humilhação, o autoritarismo e a verticalidade das relações de ensino-aprendizagem são naturalizadas e, aparentemente, inerentes ao espaço educativo. Sobre isso, Valle (2012, p. 161) menciona que "a indústria cinematográfica tem se responsabilizado em difundir objetos de consumo e introduzir no imaginário coletivo uma série de referências e conceitos".

Na sequência foi apresentado aos espectadores as aulas com a professora Holanda Hooch e com o professor Filio Flitwick. Nestas duas cenas de sala de aula observamos professores com atuações menos autoritárias, porém encontramos características bastante marcadas do que, de maneira geral, acredita-se novamente que é uma aula: professores dando instruções sobre conteúdos, e os estudantes reproduzindo-os. É importante deixar claro que não espera-se que uma obra cinematográfica tenha o compromisso de "retratar a realidade" ou de buscar uma representação mais crítica de todos os assuntos e temas que atravessam a sua narrativa; o que se busca é utilizar os discursos que se criam a partir de uma obra fílmica como essa, e refletir como esses discursos se reproduzem socialmente e nos constituem enquanto profissionais.





Por essas razões, penso que trazer para a discussão as forças que regem as constituições das docências dentro de nossa formação, passando pelas mídias, pela literatura ou pelo jornalismo, torna-se cada vez mais necessário para que tenhamos consciência das origens e da manutenção das concepções profissionais no qual as docências "flutuam", fazendo com que sejamos mais críticos em relação às demandas que socialmente nos incutem enquanto professores. Dessa forma, é possível que se construa cada vez mais um repertório que colabore para a compreensão e constituição do que é a docência em todas as suas (in)completudes.

## 4. Os grupos focais de docentes

Na busca por compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de determinados grupos (VEIGA; GONDIM, 2001 *apud* GONDIM, 2002) me vali do grupo focal como técnica de coleta e análise de dados. Este processo de pesquisa é definido por Morgan (1997 *apud* GONDIM, 2002) como uma pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador, estando em uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Utilizo a perspectiva de pesquisa que se denomina como grupo focal auto-referente, que tem como principal fundamento investigações que se debruçam em questões de natureza cultural, avaliando opiniões, atitudes, experiências anteriores e perspectivas futuras dos participantes. Busquei, portanto, dar voz às diferenças, às descontinuidades, às visões das narrativas dos professores e das professoras acerca de si mesmos e de seus contextos de trabalho.

Os professores que receberam o convite atuam em diferentes componentes curriculares, e em diferentes etapas e níveis de ensino. Estes grupos foram formados por professores que aceitaram o convite de participação da pesquisa a





partir da sua livre e espontânea vontade. Os participantes convidados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo explicações sobre o estudo, incluindo a possibilidade de recusa durante toda a pesquisa, sem penalização. A participação na pesquisa e os procedimentos utilizados seguiram os critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

O corpus de análise da investigação foi constituído pelos discursos coletados nestes encontros com os grupos focais. Esse conteúdo foi obtido a partir de um roteiro organizado previamente, no qual questões relacionadas à temática da pesquisa foram lançadas aos participantes com objetivo de gerar a interação. Os encontros tiveram os áudios gravados por meio de ferramentas de gravação de som (gravador e celular), para posterior análise. A imagem destes professores não fazia parte do escopo da pesquisa, ela só foi utilizada para uma maior facilidade em identificar as suas contribuições quando não compreendidos apenas pelos áudios.

O local onde ocorreram tais encontros foi a Cinemateca Capitólio, um centro cultural da cidade de Porto Alegre que se dedica, exclusivamente, à preservação, pesquisa e exibição de obras audiovisuais. A dinâmica dos encontros com os grupos focais envolveram a exibição de cenas do filme HPPF[3] (2001) em que estivessem ocorrendo momentos de aulas já aqui descritas. À exibição da primeira cena, o vídeo era pausado, e a pergunta “Você se identifica com o referido professor nessa situação de sala de aula? Por quê?” era lançada. A partir desse questionamento, os professores iniciavam as suas manifestações. Foram nessas interações que os discursos envolvendo a identificação ou não dos professores participantes com os professores de HPPF ocorreram; são neles que questões relacionadas aos perfis de docentes, como comportamentos, padrões e performance, foram manifestadas. Por fim, a partir dessas interações foi que seus discursos se evidenciaram; foi nesse

[3] Abreviação do nome do filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.





espaço em que eles foram “confrontados” com aqueles personagens e o que eles comunicam, ou não, sobre os modos de ser e estar na docência.

É importante mencionar que a proposta dos grupos focais foi a de transformar este momento em um espaço para a escuta, a troca e a oportunidade de se pensar enquanto docente; um espaço para o imprevisível e o inesperado, sendo estes dois últimos, inclusive, importantes elementos para a construção e estruturação da pesquisa.

## 5. O encontro dos professores “trouxas” com o corpo docente bruxo

Os encontros nos grupos focais foram momentos importantes de minha dissertação, visto que me propus a dialogar com meus pares como um momento para que eu pudesse me colocar e circular por entre os seus discursos, me entendendo também como uma docente que compreende de onde estes discursos partem e quais são as suas motivações. Ouvindo-os, também me ouvi e me enxerguei naquelas situações, e por se tratar de uma pesquisa A/r/tográfica e autobiográfica, pude mobilizar questões de minha vivência e minha experiência enquanto professora, enquanto artista e enquanto pesquisadora.

As propostas dos grupos focais geraram zonas de contato e deslocamentos de olhares sobre mim e os professores participantes da investigação, de modo a compreender e ressignificar os movimentos de constituição dessas docências. Esses movimentos puderam ser identificados quando as professoras Naiana e Carla[4] interagiram com a cena inicial, em que os personagens do professor Dumbledore e da professora Minerva estão decidindo sobre o futuro de Harry. Carla comenta, ao elaborar sobre o papel das docências, que: “extrapola o espaço-tempo da sala de aula, então tem que dar conta de coisas da vida pessoal daquele sujeito

[4] Os nomes dos participantes foram trocados para a preservação das suas identidades.





que está diante de ti, em formação, pois tu é o adulto, tu é o responsável, tu tem uma visão de mundo diferente da dele, ele tá em desamparo(…)". Na sequência, a professora Naiana rebate "mas eu não sei até que ponto isso é positivo, aliás, da minha experiência, por ser mais idosa do que vocês, eu digo: eu não pedi isso! Eu não pedi pra cuidar dessas crianças, essas crianças têm família, e tá ficando muito fácil a família jogar nas nossas mãos, e coordenação, direção de escola também, como se fossemos a tábua de salvação. E quem é que cuida de nós?". Este lugar do cuidado no qual a docência foi durante muito tempo construída, ainda persiste em muitos discursos dentro dos espaços educativos. É a ideia da docência como um lugar em que se misturam os significados maternais de atenção e afetividade culturalmente difundidos; fazendo parte das "semiprofissões" femininas, tais como as de enfermeira, assistente social ou bibliotecária (Garcia, Hypolito e Vieira, 2005, p. 50).

Na interação entre essas duas professoras, a partir da exibição daquela cena, pode-se perceber, dentro da obra fílmica em questão, o que os autores acima discutem: os personagens professores estão ocupando o lugar de cuidado onipotente daquele futuro aluno. É a partir da discussão gerada por meio da cena que tensionamentos relacionados a estes aspectos são evocados nas considerações entre as duas docentes: uma identifica e reconhece esse papel do cuidado docente para além do ensino-aprendizagem, enquanto a outra questiona e problematiza esse lugar: "eu não pedi para cuidar destas crianças!". Me questiono, a partir do diálogo entre as duas docentes: a quem interessa que esse discurso do cuidado docente siga se perpetuando em nosso imaginário? É um ponto a se refletir sobre o quanto desse discurso se infiltra em nossas práticas, e quais são as expectativas da sociedade em relação aos professores, sendo esses aspectos, muitas vezes, constituintes do nosso entendimento do que é a docência. O teórico Henri Giroux (2003, p.22) comenta que estes processos demonstram como





"contribuem o ideológico e o afetivo ao oferecer modos particulares de ver o mundo com perspectivas que afetam os indivíduos e grupos".

Outro tema que mobilizou discussões no grupo estava relacionado às questões da (in)experiência profissional e ao etarismo dentro da docência, principalmente a partir da exibição das cenas em que a professora Minerva está em evidência. Em um dos grupos, a professora Luciana comenta: "eu já tive problemas com a disciplina. Eu comecei a trabalhar muito jovem, então eles não me respeitavam por eu ser mais jovem, e as 'profes' mais velhas tinham mais respeito, então passei por isso em relação à disciplina.". A professora Rebeca seguiu trazendo seu relato em relação à gestão da escola e o etarismo. Ela comenta: "eu 'tava' dando aula pra um sétimo ano, eles estavam fazendo uma atividade que gerava muita interação, e portanto muito ruído, (...), então o diretor foi até lá pedir pros alunos calarem a boca pois eles estavam falando muito alto. Ele entrou sem pedir licença, em um espaço que quem 'tava' mobilizando a proposta era eu, e simplesmente identificou aquele barulho como indisciplina e me desautorizou na frente dos alunos, só porque eu era mais jovem". A professora Naiana, então continua: "bom, então vocês imaginam eu, depois de 37 anos de sala de aula; eu passei por tudo, eu passei desde a falta de respeito, de alunos e pais, passei situações de preconceito racial de famílias (...). Também passei no sentido dos colegas mais jovens, por acharem que eu era mais velha, que eu não iria dar conta (...). Eu já vejo que no Estado é um depósito de professora velha em algumas escolas; professoras velhas que não trazem nenhuma novidade pros pobres dos alunos, aí ficam aquela repetição de conteúdos, aquelas folhas amarelas, e aquilo vem se reproduzindo, e que é muito ruim também, mas, também, entendo que o Estado não dá condições para essas professoras.".

As participantes relacionaram, portanto, questões sobre a representação da professora Minerva como sendo mais velha, e por isso impondo respeito aos alunos, além de trazerem experiências pessoais sobre como a idade afeta ou já as afetou





enquanto docentes. Tais discursos relacionados à experiência de sala de aula, vinculando os professores mais velhos a essa condição, é o que Garcia, Hypolito e Vieira (2005) consideram como falácias que só desviam os professores de seus reais objetivos sociais e morais. Ainda sobre o saber docente, os autores afirmam que professores em início de carreira tendem a agir conforme arquétipos de ensino amplamente aceitos na nossa cultura. Frequentemente, são modelos tradicionais e moldam-se a partir de exemplos caricatos da docência. (2005, p. 51). Tal afirmação talvez vá contra um estereótipo que é muitas vezes construído socialmente e dentro das instituições de ensino de que o professor mais jovem atua a partir de métodos mais inovadores, enquanto os mais velhos tendem a se basear em práticas mais antiquadas (rotulação inclusive trazida pela professora Naiana ao falar de algumas professoras mais antigas). No entanto, a partir dos discursos deste grupo, pode-se observar o quanto diferentes experiências cotidianas podem mobilizar diferentes interpretações das obras audiovisuais centradas na docência.

Outro tópico abordado durante os encontros está relacionado à autoridade em sala de aula, tema bastante presente nas cenas ambientadas nestes locais e também nas personalidades dos personagens professores da obra em questão. Ao exibir a cena de aula do professor Snape, em que este humilha Harry em frente à turma, diferentes caminhos discursivos foram traçados, nos diferentes encontros focais. Um dos grupos tratou a abordagem daquele professor com bastante criticidade. Vê-se essa perspectiva no discurso da professora Luciana quando ela comenta: “eu acho que é justamente o que a gente vem aprendendo a não fazer na licenciatura, a não se mostrar como a pessoa que sabe tudo, mas que deve valorizar o saber dos alunos também (...), da gente compreender que ele pode ter potencialidades em uma área e em outras não”. Em outra perspectiva, um dos grupos “suavizou” e até defendeu algumas das atitudes do personagem. É o caso do professor Vicente, que após a exibição do trecho do filme, comentou: “eu tenho a prática da humilhação, eu digo: ‘olha isso aqui gurizada? Olha a aula que eu





preparei pra vocês?' Aí vou fazendo eles se sentirem culpados. Esses dias eu passei um poema e perguntei o que eles achavam, e ninguém respondeu! Eu honestamente acho que a vergonha é um pouco pedagógica, a pessoa tem que ter um pouco de vergonha, se não, não tem limites.". Este tipo de discurso ocorre pois, infelizmente, a docência pressupõe uma relação assimétrica de poder, na qual aquele que ensina - o docente - exerce uma autoridade sobre aquele que aprende - o aluno (De La Taille, 1999). O professor Maurício, seguiu neste mesmo discurso, onde comentou: "(...) mas um pouco da abordagem que o Snape usa, não pra humilhar, mas pra chamar a atenção dos alunos, eu uso. Por exemplo: expliquei uma coisa agora, eu sei que ele (aluno) não tá prestando atenção, tá ali de brincadeira, jogando…Eu pergunto: 'fulano, o que eu acabei de dizer?' Daí ele dá uma enrolada, não sabe. Ou, chamar a atenção, assim de canto, não na frente dos colegas: 'fulano, tu não tá prestando atenção; tu sabe tal coisa?' e aí ele murcha né? Que nem o Harry vai ali murchando. Mas é uma coisa assim de canto, pra ele se dar conta do comportamento, mas a função daí não é a humilhação, é ele se dar conta". Sobre esse tipo de postura docente, bell hooks comenta na obra *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (2020) que:

> É impossível que a educação aconteça em um contexto em que as relações sociais são estruturadas por um modelo de disciplina e castigo. Quando dinâmicas explícitas de poder hierárquico transformam a dominação do fraco pelo forte em algo aceitável, os estudantes não respeitam os professores e vice-versa. De fato, podem até demonstrar deferência, mas o cerne dessa atitude não é respeito, é subordinação. (2020, p. 174).

As flutuações entre autoridade e autoritarismo são elementos importantes na obra fílmica apresentada, pois se encontra no cerne de todas as relações dos personagens-professores daquele universo bruxo. Um dos grupos focais abordou as questões relacionadas ao autoritarismo de uma forma mais reflexiva e problematizadora, mais afinado com as reflexões de hooks sobre as relações de





poder na docência. A partir da cena de sala de aula da professora Minerva, que ao presenciar os personagens Harry e Rony chegando atrasados em sua aula, os repreende em frente a toda turma, as professores Nathaly e Ana Maria dialogam sobre se identificarem com tais comportamentos autoritários da personagem, mas reconhecem um problema neste tipo de comportamento: "(...) eu já fiz assim por outros motivos, e depois me arrependi. Várias vezes eu já fiz assim, de usar ironia com o aluno, uma coisa bem agressiva (...). Quando eu fiz isso eu pensei: 'pra que falar assim com a criança?' Porque tu tá tão irritado ali, com tanta coisa pra fazer que acaba saindo.". A professora Ana Maria segue: "Todo professor já teve que dar uma bronca (...). Nesse sentido, eu já ouvi mais de uma vez dos meus alunos que eu não sou brava o suficiente pra ser professora (...)". Estes comportamentos, mesmo que inconscientes e problematizados por muitos professores, acabam sendo reproduzidos por conta de um fenômeno que Bourdieu (1982) denomina como "autoridade pedagógica", que funciona como um poder arbitrário de imposição que, só pelo fato de ser desconhecido como tal, se encontra objetivamente reconhecido como autoridade legítima (1982, p. 27). No entanto, como averígua-se no curso das professoras Ana Maria e Nathaly, há um incômodo em se reconhecer nesse lugar de autoridade, ao mesmo tempo em que existe uma cobrança de muitos estudantes sobre o poder que o professor deve exercer para ser considerado um bom professor, o que faz com que muitos docentes habitem esse "não-lugar" entre o autoritarismo e a autoridade. hooks (2020) afirma que devemos estar dispostos a reconhecer a hierarquia, que é a realidade de nosso status diferenciado e, ao mesmo tempo, demonstrar que diferença de status não precisa levar à dominação ou a qualquer forma de abuso do nosso poder (2020, p. 179) já que, ainda conforme a autora, se não puder haver proximidade genuína entre professores e estudantes, o processo de aprendizagem fica prejudicado (2020, p.176). Reafirmo, portanto, o quanto esses espaços de diálogo entre professores, como os possibilitados pelos encontros focais, evocam temas que permitem que esses professores se enxerguem, se





escutem e se identifiquem (ou não) com certas situações, de modo a abrir espaços de ressignificação de si e do outro.

Outros muitos discursos emergiram daqueles encontros que podem suscitar novas reflexões a partir de uma análise discursiva, ou mesmo de temas específicos relacionados à docência e ao chão da escola. Os excertos aqui selecionados assim o foram pensando em uma articulação entre o referencial teórico escolhido e os discursos coletados dos encontros, de forma a aprofundar as discussões e reflexões sobre o lugar destes discursos midiáticos em nossa constituição enquanto professores.

## 6. Conclusão

Os lugares de partilha e elaboração de si, proporcionados nos grupos focais, promoveram um encontro destes professores com aqueles do filme HPPF (2001), de modo a convidá-los à reflexão sobre o quanto somos constituídos, o quanto nos identificamos ou o quanto nos distanciamos daqueles professores encontrados nesta obra, assim como na interação com nossos pares. Este contato, portanto, "dá sentido à maneira de sentir e de pensar, de olhar-se e de olhar, não a partir de uma posição determinista, mas em constante interação com os outros e com sua capacidade de agenciamento." (HERNÁNDEZ, 2007, p. 31). Muitos diálogos, encadeados a partir da exibição das cenas do filme, conduziram alguns participantes a (re)visitarem comportamentos e experiências pessoais na esfera escolar.

Esses espaços demonstram a importância de elaborarmos com e a partir do cinema, não só para uma experiência fílmica distinta, mas também como modo de mudar os pontos de vista (...), uma vez que exploramos como as diversificadas visões de mundo interferem em nossa vida cotidiana (HERNÁNDEZ; RIFÁ, 2011b, p. 36). Além disso, foi possível observar a busca de identidades profissionais entre os docentes, fenômeno comentado pelas autoras Garcia, Hypólito e Vieira (2005, p. 55)





sobre a necessidade social de classificar a identidade profissional docente em alguns tipos idealizados. Minha leitura desta experiência se deu, portanto, na compreensão do cinema por um viés formativo, com a finalidade de criar espaços para a reflexão e elaboração de nossas trajetórias enquanto docentes.

**Referências:**

AYERS, William. *A teacher ain't nothin' but a hero*. Teachers and teaching in film. New York: St. Martin's Press,1994.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

DALTON, Mary. O currículo de Hollywood: quem é o "bom" e o "mal" professor, quem é a "boa" e o "má" professora? *Educação & Realidade*, v. *21, n.* 1, p. 97-122, jan./jun, 1996. Disponível em:

https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71647 Acesso em: 13/05/2022.

DE LA TAILLE, Y. Autoridade na escola. In: AQUINO, J.G. (org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas práticas.* São Paulo: Summus Editorial, 1999. p. 9-30.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (orgs.). *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

EDELMAN, Rod. *Teachers in the movies*. New York: American Educator, 1983.

FERREIRA, Susana da Costa. O professor em filmes americanos (1955-1975): imagem, cultura e história. *Educar*, Curitiba, n. 20, p. 223-244, 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-4060.274. Acesso em: 13 maio 2022.

GARCIA, Maria Manuela Alves.; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência, *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/h98PzLy4947pWTcYgFpNL7P/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 13 jun. 2022.

GIROUX, H. A. *Cine y entretenimiento: elementos para una crítica política del filme*. Barcelona: Paidós, 2003.





GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia,* Universidade Federal da Bahia. Salvador, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt&format=pdf Acesso em 14/06/2022.

HERNÁNDEZ, Fernando. A investigação baseada em arte: proposta para pensar a pesquisa em educação. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Orgs.) *Pesquisa Educacional Baseada em Arte*: A/r/tografia. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 39-62.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Eds.). *Educação da cultura visual*: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011a. p. 31-50.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Educación y cultura visual*. Barcelona: Octaedro, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*: uma proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. ¿De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual? *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 9-34, jul/dez. 2005. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12413/ 7343>. Acesso em: 1 abr. 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando; RIFÁ, Montserrat. (Eds.). *Investigación autobiográfica y cambio social*. Barcelona: Octaedro, 2011b.

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papirus, 1997.

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. *Processo de trabalho na escola*: uma análise a partir das relações de classe e de gênero. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1994.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

JOSEPH, Pamela Bolotin.; BURNAFORD, Gail. *Images of schoolteachers in Twentieth-Century America*: Paragons, Polarities, Complexities. New York: St. Martin Press, 1994.

PILLAR, Analice Dutra; EVALTE, Tatiana Telch. Educação e mídia: leituras de





desenhos animados na escola. *Revista Reflexão e Ação* [online], v. 21, n. 2, p.89-115, 2013.

PILLAR, Analice Dutra; (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

PILLAR, Analice Dutra. Sincretismo em desenhos animados da TV: O Laboratório de Dexter. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 123-142, jul/dez. 2005. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227042003. Acesso em: 14 jun. 2022.

SILVA, Maria Carolina da; PARAISO, Marlucy Alves. O currículo de Harry Potter: representações de escola e currículo na literatura infanto-juvenil. *Educação, Teoria & Prática* [online], v. 22, n. 39, pp.99-116, 2012.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A magia da escola na escola da magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter. *Educação em Revista,* Belo Horizonte, v. 26, n.3, p.103-129, dez. 2010.

VALLE, Lutiere Dalla. 2015. *Miradas y direccionalidades en el cine en torno a los sentidos de ser docente: una investigación narrativa desde la educación de la cultura visual.* Tesis (Doctorat in Arts i Educació) - Universitat de Barcelona, Departament de Dibuix/Pedagogies Culturals, Barcelona, 2015.

**Carolina Viana da Silva**
Mestranda em Educação, na linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo (PPGEdu/UFRGS), sob orientação da Profa. Dra. Analice Dutra Pillar; Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua no Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/PPGEdu/UFRGS). Atualmente é professora de Arte de ensino fundamental e médio no Colégio Santa Inês. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguinte temas: Cultura Visual; Ensino de Arte; Cultura Midiática.
**ORCID:** https://orcid.org/0009-0004-1529-5873
**E-mail:** carol.zinn14@gmail.com